

Programa - colóquio da lusofonia

1. MIGUEL LOPES, TRADUTOR, PROFESSOR ESC SEC ANTERO DE QUENTAL. S MIGUEL

Puro produto da diáspora portuguesa em França, nasce no ano de 1975 nos subúrbios parisienses, para onde a família se havia mudado no final da década de 60.

Após o regresso definitivo a Portugal em 1991 e imbuído desta dupla cultura, solo fértil e inesgotável, licencia-se em Ensino de Português e Francês pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, 1998).

Prossegue a sua formação, ao sabor das suas experiências e interesses pessoais, com uma Pós-Graduação em Língua e Cultura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL, 2011) e um Mestrado em Tradução pela Universidade dos Açores (UAC, 2018).

Excetuando um interregno de 3 anos entre 2007 e 2010, durante o qual foi agente de cooperação em Timor Leste no projeto de Reintrodução da Língua Portuguesa, leciona há 25 anos por terras lusas de aquém e além-mar.

Ciente de ser esse o papel em que está plasmada a sua identidade e alicerçada a sua legitimidade, é docente de Francês da Escola Secundária Antero de Quental



24º Graciosa 2015



24º GRACIOSA 2015

APRESENTA 9 POEMAS 9 LÍNGUAS DE HELENA CHRYSTELLO - "9 poemas 9 línguas" — Sobre a Tradução

1. Em primeiro lugar, cabe-me agradecer à Helena e ao Chrys Chrystello a oportunidade que me deram de ter feito parte deste projeto. Estou muito grato pela confiança que depositaram em mim. Encarei esta minha participação como um privilégio, desde logo, por ter tido acesso aos poemas dos escritores (por questões de economia de tempo e de espaço, inibio-me de recorrer nesta comunicação à novíngua inclusiva) que fazem parte da coletânea. Nunca será demais enunciar os seus nomes em voz alta: Álamo Oliveira, Alexandre Borges, Aníbal Pires, Chrys Chrystello, Eduíno de Jesus, Malvina Sousa, Nuno Costa Santos, Paula de Sousa Lima e Telmo Nunes. Acredito que estes autores não têm o reconhecimento público que deviam, pois têm feito muito pela nossa cultura e ver-me no meio deles é um motivo de grande orgulho.

1. Em segundo lugar, queria dar os parabéns a todos aqueles que contribuíram para a execução deste livro e, em particular, uma vez mais, à Helena e ao Chrys pela iniciativa e pela devoção incansável a esta causa que constitui a divulgação da literatura açoriana. Queria também enaltecer o papel que têm tido as Letras Lavadas como parceiro indispensável em

Programa - colóquio da lusofonia

todo este processo. Num tempo de globalização homogeneizante, faz falta publicar autores açorianos ou inspirados pelos Açores e, assim, permitir a uma cultura periférica existir num mercado livreiro dominado por produtos prontos a consumir (por vezes, de origem duvidosa).



38° ribeira grande



38° ribeira grande

RIBEIRA GRANDE 2023

Também faz falta publicar mais traduções e queria realçar o mérito e a originalidade desta edição multilingue, que torna estes textos acessíveis a um espetro alargado de leitores, despertando curiosidade e dando a conhecer os autores a leitores de outros países. É, conseqüentemente, um gesto humanista pelo quanto contribui para a aproximação das culturas e dos povos. A esse respeito, deixem-me citar Umberto Eco que, na obra laudatória intitulada "Dizer quase a mesma coisa", classificava a Tradução como a língua da Europa.

Além disso, este livro "9 poemas 9 línguas" afigura-se como uma verdadeira ferramenta didática pelo quanto possibilita o cotejo imediato entre 9 línguas diferentes. De uma forma muito pragmática, estes poemas podem fazer parte de um corpus e constituir um objeto de estudo em aulas de língua estrangeira e/ou em aulas de Tradução.

Por outro lado, como é sabido, o conhecimento de outras línguas contribui para um melhor conhecimento da nossa própria língua e, por conseguinte, da nossa própria cultura, ou seja, o conhecimento de outras línguas contribui para um melhor autoconhecimento. É terapêutico. Perfilho aqui as teses de Barbara Cassin, autora do famoso Dicionário dos Intraduzíveis, que apregoa a capacidade salvífica da Tradução.

Programa - colóquio da lusofonia

3. Gostaria agora de tecer algumas considerações sobre a função do tradutor e sobre o ato de traduzir. O tradutor começa por ser um leitor, encara a leitura como um momento de fruição e a tradução como uma grande responsabilidade, na medida em que pretende fazer chegar um texto que não lhe pertence a leitores de uma outra língua. Neste sentido, o tradutor é uma espécie de elo intercultural, faz a ponte entre duas línguas (recorrendo aqui à metáfora utilizada por João Barrento, que, em “O poço de Babel”, explorava o sentido etimológico da palavra “traduzir”: “tra-ducere”, conduzir para a outra margem).

Mas, se, por um lado, o tradutor é um elo (neste sentido, une, liga, aproxima), a verdade é que a tradução, como texto de chegada, também se afasta, de alguma forma, do texto de partida. Traduzir não equivale a copiar um texto noutra língua. Quando se traduz não se trata de fazer igual. Isto é, o tradutor reinterpreta o texto.

Posso usar aqui duas imagens para ilustrar melhor esta ideia tiradas de outros campos da atividade humana. Pensem na mesma receita preparada pelo mesmo chefe que nunca resulta duas vezes exatamente da mesma maneira. Ou na mesma sinfonia que nunca é tocada duas vezes pela mesma orquestra exatamente da mesma maneira.

Talvez um dia, quando os robôs se encarregarem disso. E, neste caso, o desempenho e as obras perderão a sua originalidade, a sua capacidade para espantar, para se reinventarem.

Ora, uma tradução tem a sua dose de originalidade. O tradutor e o seu leitor devem estar cientes disso mesmo e aceitar que a tradução é um texto reescrito (ou será escrito “a quatro mãos”?). Não é uma segunda mão, é uma outra versão, com todos os riscos que comportam as versões.

O tradutor não imita, tenta recriar (o que etimologicamente significa “reanimar”, dar novo fôlego). Mudar de língua é mudar de código, é mudar de mundividência.

Mas o tradutor nunca abandona o autor, nunca perde de vista o texto de partida.

Mais do que isso, o tradutor é cúmplice do autor. Cúmplice na transgressão, pois o poeta é um criador que inova e deturpa o sentido das palavras com propostas, por vezes, arrojadas e, até mesmo, disruptivas.

Apresentando, agora, alguns exemplos daquilo que foi o meu trabalho neste livro, começo por lembrar o poema insondável de Alexandre Borges (“Um homem imperfeito junto ao mar”). É transgressivo no uso da anáfora “hás de encontrá-lo”, complexo verbal, e “ás de encontrar”, locução nominal. Por muito solidário que eu tenha tentado ser, este foi um tropo que não consegui replicar totalmente. Mantive a anáfora, no entanto perdeu-se o atrevimento da escolha lexical que participa, simultaneamente, da construção de um campo em torno do jogo de cartas, “ás, naipe, trunfo, renúncia”. Por sua vez, o termo “renúncia” também é usado duas vezes no poema com sentidos diferentes: com o sentido de “abdicção”, a primeira vez e de “violação das regras”, a segunda. Na língua francesa, são duas palavras distintas: “renoncement” e “renonce”, respetivamente. Portanto, é justo reconhecer que, com a tradução, se dá, por vezes, um certo empobrecimento do texto de partida.

De facto, a criatividade dos autores converte-se, proporcionalmente, em dificuldades para o tradutor. Manter a rima no poema de Malvina Sousa foi um desafio (Um exemplo: Agarra os silêncios e sê o grito/sê pequeno... sempre aspirante a mito = Saisis les silences et sois le cri/sois petit... aspire sans cesse à l'utopie), *idem* no que tocou a replicar o estilo da prosa poética de Paula Sousa Lima (veja-se a sequência: “E dizem ainda as gentes... em lagoas se tornaram”).

Portanto, mais do que obter, no texto de chegada, uma equivalência perfeita palavra a palavra, o objetivo é reproduzir os efeitos do texto de partida de modo a não defraudar, a não trair o espírito do texto (desmentindo, assim, o aforismo italiano em forma de paronomásia, segundo o qual o “traduttore” é um “traditore”), e indo assim ao encontro do que Walter Benjamin, preconiza na sua obra “A tarefa do Tradutor”. Nesta linha de pensamento, era pois fundamental encontrar as soluções adequadas de modo a preservar, no poema de Nuno Costa Santos, por exemplo, a personificação do “mar”, “orgulhoso e mudo”, “fière et muette”, que “vai envelhecendo” (qui vieillit peu à peu) ou a prosopopeia com que Eduíno de Jesus descreve as “palavras” “imprecisas” e “volúveis” (escavam os abismos, abrem as asas e desferem o voo = ils creusent les abîmes, ouvrent les ailes et déploient le vol). Ou ainda a homenagem pungente ao povo ucraniano no tom acusatório de Álamo Oliveira: “amanhã vai haver outro povo que não fala/ e tudo será apagado sem mais remorso = demain un autre peuple se taira/et tout sera effacé sans plus de remords”.

No conjunto dos 9 poemas, caracterizados por uma grande diversidade de temas e de estilos, era importante ser solidário com as propostas lexicais mais imaginativas dos autores desde os “nados naufragos” = “naufragés-nés” e das “manhãs paridas” = “matins vêlés” do Telmo Nunes até à “espuma dos homens-a-dias” = “l'écume des hommes de ménage” do Alexandre Borges (eventual aparte sobre os papéis de género), passando pelo “teu jeito tão desigual, tão nosso” = “tes manières si inégales, si nôtres” de Aníbal Pires.

Para alguns teóricos, uma boa tradução é invisível, ou seja, deve garantir que o texto de chegada não pareça uma tradução e não cause estranheza. Ora, como Antoine Berman (em “L'épreuve de l'étranger”), sou apologista de uma tradução ética, promotora de uma relação dialógica entre línguas e culturas, que não neutraliza os elementos mais marcados do texto de partida para aumentar artificialmente a sua legibilidade. Talvez o poema “Maria nobody” de Chrys Chrystello, poema da rima discreta, poema dos monossílabos e dos dissílabos, poema dos anglicismos, seja o poema que melhor evidencia esse desiderato.

Diria que o ato de traduzir é um trabalho sempre inacabado, que fica, muitas vezes, na sombra e que, por isso, carece de ser explicado, ideia sustentada noutros termos por Lawrence Venuti, no livro “The translator's invisibility”.

Só assim se consegue promover a transparência e uma maior aceitação da tradução.

E atenuar no tradutor o sentimento de insatisfação ou, até mesmo de alguma frustração gerada pela convicção de uma incompletude natural do ato de traduzir. Foi o que tentei fazer hoje, obrigado por me terem ouvido.

Ribeira Grande, 7 de outubro de 2023 Miguel Lopes